

# Algumas reflexões sobre os tempos que vivemos ou

## A censura mais eficaz é a auto-censura



**E**stes são tempos férteis a muita mistificação. Nuns casos, propositada. Noutros, promovida de forma inconsciente. Mas para além das mistificações, existe também muito preconceito que 37 anos depois do 25 de Abril não tem justificação.

Procuo nesta reflexão pegar nalgumas dessas recorrentes mistificações e simplificações e deixar que o leitor reflecta. A ordem de abordagem é arbitraria.

Uma das primeiras mistificações instaladas é a da confusão entre política e partidos. O termo política deriva do grego antigo que indicava todos os procedimentos relativos à polis, ou seja, à cidade, à comunidade seja ela qual for – por exemplo, todos os procedimentos relativos a um clube, a um serviço, a uma associação ou comissão, a um condomínio, a uma cidade, a um país. Qualquer actividade humana é política. Portanto, quando se ouve dizer "eu não me meto porque isso é política" das três, uma: ou é confusão com acção partidária; ou quem diz isso é morto-vivo porque não tem de decidir sobre coisa nenhuma; ou padece de uma enorme confusão e já é tempo de nos deixarmos de confusões. Por isso, quando o governo (qualquer governo) legisla ou emite uma qualquer opinião sobre os problemas dos militares e a ANS toma posição, claro que está a fazer política. É inevitável!

Aliás, a lei que nos rege proíbe o desenvolvimento de acção partidária ou de natureza partidária, porque é impossível pedir para sermos apolíticos. Não é que alguns não gostassem, diga-se, mas é impossível, porque como diz o poeta "não há machado que corte a raiz ao pensamento".

Vejamos um exemplo de preconceito. Num dos últimos comunicados da Associação é referido um projecto do PCP sobre a consagração do 31 de Janeiro como Dia Nacional do Sargento. Tudo é ali explicado – quem votou a favor, quem votou contra. Tudo limpinho, como sempre.

Pergunta-se: Não devia a ANS fazê-lo porque o projecto foi do PCP? Aliás, partido que desde há anos vem apresentando projectos nesse sentido? Causa incomodo porque foi o PCP, mas já não causaria incómodo se fosse do PS ou do PSD?

Só há um critério válido: O da verdade! Até hoje, como é conhecido, a ANS fala com todos os partidos. Convida todos os partidos. Cada um dos partidos assume as posições que muito bem entende e a ANS assume igualmente as posições que entende em defesa dos nossos interesses como classe e como militares. Nada a esconder. Já é tempo de enterrar os fantasmas.

Isto leva a outra conversa corrente "os partidos são todos iguais" e outras coisas do género. Não será por certo aqui que vou dissertar sobre cada um dos partidos. Cada sargento terá a sua opinião. A única coisa que afirmo é que a única forma de verificar as diferenças é pela prática de cada um, pois é aí, no concreto, que se vê o que fizeram, o que votaram, o que propuseram.

É esse o desafio que está colocado a cada um de nós. Voltando ao exemplo atrás referido, houve quem votasse a favor do Dia Nacional do Sargento e houve quem votasse contra. São iguais? E os cortes nos vencimentos, nos subsídios, na saúde, etc., tiveram o acordo de todos os partidos? E a sucessiva prática de sub-orçamentar o orçamento para os Ramos é responsabilidade de todos os partidos? E o incumprimento de variada legislação é responsabilidade de todos? Enfim, deixemo-nos dessa conversa, porque quando dizemos que são todos iguais estamos a ilibar os que decidem mal sobre a nossa vida. É preciso pôr o nome às coisas, seja sobre quem for. E é tempo de existir coragem para o fazer. Ou será que alguns só sabem pedir coragem aos outros e "penduram" a sua no armário?

Dirão alguns, se calhar muitos, que isto todos nós sabemos. Acredito, camaradas. Mas se assim é, pergunto: Então porque não praticam? Então porque razão é recorrente tal tipo de conversa ou resposta? Em que ajuda a luta dos sargentos tal atitude?

A censura mais eficaz é a auto-censura. Vamos deixar? Ou vamos dizer: Basta!

# PARAR AS AGRESSÕES AOS MILITARES E À INSTITUIÇÃO MILITAR



Foto Notícias Magazine 21 Set 2005



O regime democrático consagrado na Constituição terá de encontrar os caminhos para resolver os graves problemas a que esta política levou o País. E isso só acontecerá com a participação de todos nós.

Situação inaceitável! É como o comunicado N.º 3/11 da ANS, define a situação e interroga: Até onde irão os nossos sacrifícios?

Situação inaceitável. Sim, como foi possível ir tão longe na desconsideração dos militares? Existe na instituição militar um sentimento de descontentamento, de revolta, e ao ver tal situação, aparece a interrogação: como foi possível degradar a instituição militar a tal ponto?

A ANS, bem como as outras associações, há muito que chamam a atenção para a gravidade dos problemas, e na Tribuna Pública que a ANS realizou, no dia 17 de Março, último, lá foram de novo apreciados e denunciados: que continua a sub-orçamentação, os cortes nos vencimentos e subsídios, a destruição da saúde militar, as unidades sem dinheiro para cumprirem até já os serviços mínimos, agora, até o congelamento das promoções em todos os postos, e mais cortes se continuam a falar.

Recentemente foi enviada uma inspeção do Ministério das Finanças para fiscalizar as contas dos ramos. Mas, se os ramos têm serviços para fazer tais inspeções e, se além destas, o Ministério da Defesa dispõe ainda da Inspeção-Geral das Forças Armadas, que tem por missão verificar se tudo é feito conforme a lei. Então, se estas entidades não foram denunciadas, por incumprimento das suas missões, pergunta-se: Além da desconsideração para a instituição militar o que foi fazer mais esta inspeção do Ministério das Finanças?

Os militares, as associações denunciam, protestam, mas o governo não ouve. As chefias parecem distraídas, assistem e a quase tudo cedem sem pestanejar, esquecendo que subordinação não é submissão.

*Há dias, num almoço com vários militares, no dia em que foi dada a informação sobre a PEC alguns, logo, que se ouviu tal informação, disseram: mais sacrifícios para nós e mais benefícios para os que se têm amanhã. Outros acrescentaram: Agora, está lá o PS no governo, que tem superado todos os outros nos ataques aos nossos direitos, mas se houver eleições, e for para lá o PSD, vai continuar tudo na mesma, pois não devem estar esquecidos do que fez o PSD e o CDS quando lá estiveram. Outro disse ainda: é tudo igual, para que serve andar a lutar?*

*Então, acham que perante tal quadro estamos mesmo condenados a ir ao fundo, é? Perguntou outro.*

Não, muitos de nós já compreendem e interrogam-se que raio de crise é esta que faz com que uns tenham milhões de euros de lucro diário e outros já não nem conseguem pagar as propinas dos filhos e a prestação da casa?

Os militares, a ANS e todas as outras associações, penso que deverão continuar a lutar e a defender os interesses dos seus associados, assim como todas as outras instituições democráticas deverão também continuar a desenvolver a actividade para que foram criadas, pois, só assim se defenderá a democracia, a constituição e o regime democrático.

Pois, se não lutarmos, se as associações e as instituições democráticas não funcionarem, como é, como se constrói outra política? É o chefe a mandar, tipo Salazar? Ou o general, tipo Pinochet?

Mas, se quisermos ter um país diferente, outra política, um Estado a funcionar em benefício de toda a sociedade e não de uma minoria, como tem acontecido, não podemos continuar a deixar-nos enrolar, a ser enganados com as lindas promessas, que durante as campanhas eleitorais nos têm enganado.

É difícil, a comunicação social também é deles, promove esta política, basta ver como tratam as iniciativas da ANS e das outras associações.

Mas outro rumo poderá ser encontrado, acreditem, pois, por muito que tentem o contrário, somos nós que mandamos na nossa consciência e, às vezes, basta o clique.

SAJ Manuel Carvalho